

A ESCRITA ALFABÉTICA: COMPREENSÕES DE ORIENTADORAS DO PNAIC

SHELDA MENDES RIBEIRO COSTA¹; MARTA NORNBERG²

¹ Universidade Federal de Pelotas – sheldsmendes1999@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – martanornberg0@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A alfabetização envolve não apenas o processo de aprendizagem, mas também a formação de professores capazes de favorecer o aprendizado de forma qualificada. A construção de competências para ensinar a escrita requer que os docentes compreendam profundamente como funciona o Sistema de Escrita Alfabética e saibam articular aspectos teóricos e práticos em suas atividades de ensino. Nesse contexto, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) foi um programa de formação de professores instituído pelo Ministério da Educação que tinha dois objetivos centrais: garantir que todas as crianças estivessem alfabetizadas até o 3º ano do Ensino Fundamental e oferecer formação continuada para professores alfabetizadores, potencializando as práticas pedagógicas e aprofundando a compreensão dos docentes sobre conteúdo atinente à alfabetização. O programa foi encerrado no final de 2017.

No âmbito da formação do PNAIC conduzido pela UFPEL, um conjunto de documentos pedagógicos foram produzidos pelas participantes. Estes são materiais importantes que nos oferecem pistas para analisar entendimentos pedagógicos que fundamentam as práticas de alfabetização. A análise desses documentos possibilita acessar os processos de construção do conhecimento das professoras, especialmente no que se refere ao Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Conforme OLIVEIRA e OLIVEIRA (1999), a compreensão conceitual se constrói de forma gradual, por meio da reflexão e de interações que permitam pensar, discutir e reelaborar ideias. Processos mentais dessa natureza se mostraram centrais no contexto do PNAIC-UFPEL, especialmente em sua proposta de formação continuada.

Este estudo dá continuidade a pesquisa iniciada em 2024, em que foram analisados documentos produzidos pelas orientadoras de estudo do PNAIC, das turmas de 2013, em resposta à pergunta: "Por que a escrita é um sistema notacional e não um código?" Neste resumo o objetivo é avançar na análise, incluindo as respostas produzidas pelas orientadoras de estudo no ano de 2014, buscando identificar avanços ou mudanças nas concepções das profissionais ao longo do processo formativo.

O Sistema de Escrita Alfabética (SEA) organiza a escrita por meio de letras que representam os sons da língua falada, formando palavras e textos. Apropriar-se desse sistema é um processo complexo, que vai muito além da simples memorização ou da associação direta entre símbolos e sons. Diferente de um código fixo, onde cada símbolo tem um significado direto e sempre igual, o SEA é um sistema que funciona com regras, combinações e variações dependendo do contexto. Como destaca MORAIS (2012, p. 93), essa apropriação não é a aquisição de um código fixo, mas a internalização de um sistema notacional. Isso exige do aprendiz um entendimento conceitual aprofundado sobre

as relações entre letras, sons e significados das palavras. Essa distinção é essencial para fundamentar práticas pedagógicas que estimulem a reflexão sobre o funcionamento do sistema, evitando abordagens mecânicas e limitadas.

Assim, por meio da análise de textos escritos pelas orientadoras de estudo, foram identificadas duas categorias principais: a imprecisão conceitual e o esforço de articular ideias e conceitos sobre o Sistema de Escrita Alfabética (SEA). A categoria imprecisão conceitual refere-se a momentos em que as professoras apresentam dificuldade em compreender e diferenciar conceitos fundamentais do SEA. Já o esforço de articular ideias e conceitos descreve situações em que as orientadoras tentam relacionar elementos teóricos, experiências práticas e conceitos do SEA, construindo uma compreensão mais articulada do sistema (NÖRNBERG; CAVA; WITH, 2024).

Nesta pesquisa, o foco está na categoria imprecisão conceitual, que evidencia os desafios e os obstáculos que as professoras enfrentam para compreender o funcionamento do SEA. No estudo realizado em 2024, a análise dos textos das orientadoras de estudo, referentes a 2013, mostrou que muitas professoras apresentavam dificuldades em diferenciar claramente os conceitos de sistema notacional e código. Algumas respostas tratavam a escrita alfabética como um código simples, baseado na correspondência direta entre símbolos e sons, sem aprofundar a complexidade do SEA.

2. METODOLOGIA

Este estudo está vinculado ao Projeto Pensamento Pedagógico e Desenvolvimento Profissional Docente, desenvolvido em continuidade ao Observatório OBEDUC Pacto/UFPEL. Trata-se de um estudo que dá sequência a uma pesquisa iniciada em 2024. Os dados analisados foram produzidos e coletados durante os encontros presenciais do PNAIC-UFPEL e integram o Banco de Textos de Professoras (BTP), o qual é composto por documentos escritos pelas professoras participantes do programa. Os textos analisados estão organizados no Estrato 1 do BTP. Neste trabalho, analisamos os textos sobre a temática SEA. No BTP, cada texto é identificado por um código, o qual informa o tema, o ano, o polo, o número da turma e o número da participante (OE). Exemplo: *SEA2014OT12OE01*.

Durante os encontros do PNAIC, as professoras liam previamente os textos e, a cada encontro, respondiam a perguntas relacionadas ao tema em estudo. Para este trabalho, foram consideradas especificamente as respostas das orientadoras à questão: “Por que a escrita é um sistema notacional e não um código?” Os dados de respostas foram planilhados a fim de possibilitar a comparação entre 2013 e 2014. Os textos analisados neste trabalho referem-se às produções da Turma 12.

Para a análise, foram selecionados excertos das respostas de diferentes orientadoras, o que permitiu identificar modos distintos de compreender a questão proposta. Na leitura dos textos visando a seleção dos excertos, buscou-se selecionar aqueles que demonstravam imprecisão conceitual.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise dos registros das orientadoras de estudo do PNAIC-UFPEL, observa-se, no ano de 2013, respostas que indicam tentativas de articular entendimentos e características do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) permeadas por imprecisão conceitual. Como exemplo, traz-se o seguinte fragmento: "Porque preciso notar que vogais e consoantes formam as palavras, que é o conjunto disso que faz a leitura possível (decifrar o código)." Nesse excerto, a orientadora reconhece a necessidade de identificar vogais e consoantes, mas associa o processo à decodificação de um código. De maneira semelhante, em outro excerto, a orientadora escreveu: "O código, as crianças decoram as letras e usam somente aquelas decoradas para a escrita". Essa resposta evidencia uma visão mecanicista da escrita, centrada na memorização, sem articular a ideia de que a escrita funciona como um sistema notacional, com regras, variações e contextos que vão além da simples correspondência entre letras e sons.

Já nas produções de 2014, nota-se certo esforço em articular ideias e conceitos, porém ainda com imprecisão conceitual. No excerto seguinte, após a orientadora revisar sua resposta de 2013, ela escreveu: "Porque para as crianças se apropriarem da leitura e da escrita, elas precisam muito mais do que simplesmente decodificar o código. A leitura e a escrita necessitam de um trabalho constante com os alunos, eles precisam conhecer suas funções através de aulas práticas, inseridas em uso cotidiano do código". Nesse excerto, nota-se uma articulação mais clara entre teoria e prática pedagógica e o reconhecimento de que a apropriação do SEA exige interação, prática constante e compreensão funcional da escrita, porém, ainda se mantém uma conceituação sobre o sistema de escrita como código e não como um sistema notacional.

Entre alguns textos de orientadoras, que em 2013 tinham sido identificados com uma alta imprecisão conceitual, observa-se, em 2014, alguns avanços em suas conceitualizações. Como exemplo desse processo, cita-se excerto em que a orientadora registrou: "A escrita alfabética é um sistema notacional, pois permite a sua variação em seu uso. Essa variação não é permitida em um código, pois a estrutura é sempre a mesma. Como, por exemplo, a letra 'A', pode ter mais de um fonema dependendo de sua posição na palavra: ANTA, AMARELO. A criança pode se apropriar a partir de associação e contextualização". Observa-se que a orientadora consegue integrar conceitos como variação fonêmica, contextualização e regras do SEA, evidenciando que a escrita é um sistema complexo e flexível, não um código fixo.

Esses registros demonstram que o processo formativo realizado pelo PNAIC-UFPEL favoreceu o avanço na compreensão do SEA pelas orientadoras. As análises permitem perceber que, ao longo de um ano, houve uma transição significativa do entendimento inicial, mais limitado e mecânico, para um esforço mais consistente em que se relacionam elementos conceituais do sistema de escrita com experiências pedagógicas.

4. CONCLUSÕES

A análise dos textos produzidos pelas orientadoras de estudo do PNAIC-UFPEL nos anos de 2013 e 2014 apresenta pequenas modificações nos entendimentos acerca do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Nos registros de

2013, observou-se uma compreensão inicial mais limitada, na qual as orientadoras apresentavam dificuldades em articular conceitos e características do SEA, tratando a escrita de maneira simplificada e comparando-a a um código.

Em 2014, os textos demonstram progressos, indicando que as orientadoras passaram a reconhecer a complexidade do SEA, identificando características como as variações de fonemas, a relevância do contexto e da interação com diferentes textos, bem como a importância da prática e da reflexão contínua na apropriação do sistema.

Dessa forma, a análise comparativa das produções destes dois anos evidencia que a formação oferecida pelo PNAIC-UFPEL contribuiu para o desenvolvimento conceitual das orientadoras, permitindo que construíssem uma compreensão mais elaborada e crítica sobre a escrita alfabética. Os resultados reforçam que a preparação de professoras alfabetizadoras requer processos formativos continuados e pautados por estratégias que fomentem o estudo teórico, a reflexão, o diálogo e a aplicação prática, modalidades formativas que as tornam capazes de ampliar o conhecimento sobre um dos objetos centrais de ensino nos anos iniciais: o sistema de escrita alfabética.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MORAIS, A.G. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

NÖRNBERG, M.; CAVA, P. P.; WITH, N. B. Características do raciocínio pedagógico sobre o ensino de conteúdos em textos escritos por professores alfabetizadores. *In*: FARIAS, I. M. S. *et al.* (orgs). **5 Simpósio de Grupos de Pesquisa sobre Formação de Professores do Brasil: Pesquisas no campo da formação de professores na retomada da democracia: Qual a agenda?** Fortaleza: INESP, 2024. p. 603-608. (livro eletrônico).

OLIVEIRA, M. B.; OLIVEIRA, M. K. (orgs) **Investigações cognitivas: Conceitos, Linguagem e Cultura**. Porto Alegre: Artmed, 1999.